

JOAQUIM NABUCO

A INVASÃO ULTRAMONTANA

DISCURSO

PRONUNCIADO NO

GRANDE ORIENTE UNIDO

DO BRASIL

NO

DIA 20 DE MAIO DE 1873

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA FRANCO-AMERICANA
18 RUA DA AJUDA 18
1873

JOAQUIM NABUCO

A INVASÃO ULTRAMONTANA

DISCURSO

PRONUNCIADO NO

GRANDE ORIENTE UNIDO
DO BRASIL

NO

DIA 20 DE MAIO DE 1873



RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA FRANCO-AMERICANA
18 RUA DA AJUDA 18
1873

A INVASÃO ULTRAMONTANA

MINHAS SENHORAS, SENHORES,

Começo pedindo toda a vossa indulgencia. Não é um exordio novo, é um exordio classico, mas a natureza especial d'estas conferencias obriga-me a começar assim. Em uma reunião em que muitos succedem-se na tribuna como que chamados a ella e esperados de todos, não se precisa de tanta indulgencia; quando se falla a uma multidão fremente, ella esquece o orador e o orador esquece a assembléa : ha alli uma só alma vibrando por uma só palavra. Uma conferencia porém é outra cousa e parece uma exhibição; ora quem se exhibe é pelo menos suspeito de vaidade. (*Riso.*)

Mesmo quando todos acreditassem que eu vim aqui movido pelo que devo á idéa, a fórma do discurso especie de polemica fallada que hoje vou fazer, me obrigaria sempre a recorrer á vossa benevolencia; mas, senhores, eu aqui vim não só por um movel desinteressado, como por um movel egoistico, por um movel que interessa á salvação de minha alma. (*Riso.*)

Todos comprehendemos. hoje que se fórma o partido da reacção, que é preciso organizar o partido do progresso.

A mocidade, acostumada sempre a pagar os primeiros tributos, — o primeiro tributo de sangue nos campos da batalha, porque é a primeira classe do exercito, — o primeiro tributo de dedicação ás idéas novas, porque é pela mocidade que ellas inoculam-se na consciencia do povo, a mocidade precisa de apparecer nas fileiras. Eis o meu primeiro motivo.

O movel que interessa á salvação de minha alma é outro; eu venho aqui fazer penitencia. (*Sorrisos.*)

Sim, senhores, é preciso que eu me confesse d'esse peccado dos meus dezete annos.

Estudava eu o terceiro anno da Faculdade de Direito, quando tornei-me de repente o campeão da igreja contra os protestantes. Um collega ardente em seu zelo religioso convidou-me um dia para uma associação cujo fim era discutir com os pastores protestantes de S. Paulo.

Algumas pessoas do auditorio talvez recordem-se d'esse facto que valeu-me menção honrosa nos jornaes clericas. (*Riso.*)

Os pobres homens que nem fallavam o portuguez aceitaram o cartel e fizeram mal. Organizaram-se as discussões publicas sobre a excellencia das duas religiões. Sempre que fallava um de nós oradores catholicos, era saudado por applausos unanimes; alli estava a mocidade da academia para animar-nos, alli estava o fanatismo de uma certa porção do povo para admirar-nos.

Um dia tivemos um presidente interino, representante dos intransigentes; lembro-me de que levado pelo assumpto fallei um quarto de hora além da hora marcada; o pastor protestante levantou-se para responder-me... estava ainda em começo quando o presidente observou-lhe que o tempo da conferencia estava findo.

— Mas foi o orador catholico que fallou tres quartos de hora, respondeu elle, eu só tenho fallado dez minutos.

— É tempo de mais para dizer heresias, replicou o presidente, pondo fim á sessão. (*Riso.*)

Era esta a liberdade que havia em nossas reuniões, cujo resultado foi a retirada dos ministros protestantes de S. Paulo para Brotas. Desde então senhores, eu abomino a intolerancia com o odio do remorso... e é d'essa falta que venho fazer agora penitencia, e de modo tal que, si houver n'este auditorio quem possa dar-me absolvição, espero que ella seja plena e inteira. (*Riso, muito bem!*)

Preciso, para fallar da actual invasão ultramontana, de começar pela theocracia.

A theocracia é o governo de Deus, mas como Deus, ao menos aparentemente, não se envolve na administração, é o governo dos padres (*Riso*) o governo dos representantes de Deus ou de uma casta sacerdotal. (*Muito bem!*)

Ah! senhores, a theocracia teve sua razão de ser; si quereis ver como, estudai o phenomeno da cathechese. Vós vedes o padre, inspirado d'uma

augusta missão, penetrar inerte no recesso das *tabas* indigenas e dar-lhes a primeira fórma da propriedade estavel, da organização e da familia. Como se conseguem todos esses grandes resultados? Com o nome de Deus. (*Muito bem!*) Sim, a theocracia tem um immenso poder sobre a imaginação dos povos selvagens ou dos povos infantis.

É preciso ir ao mundo semitico, á Israel? Porque era elle dominado pela theocracia? porque não conhecia o abysmo profundo que separa o espirital do temporal, porque Deus era o chefe do seu estado na crença de todos, porque fôra elle que o guiára no deserto, que lhe mandara o *mandá*, que lhe matara a sede, que lhe dera as taboas da lei. Eu não condemno a missão da theocracia n'esses tempos, porque ella era que dava força e vida ás pequenas nacionalidades, que inspirava-lhes uma confiança inabalavel no seu destino e sustentava-as no captivoiro. Foi por isso que ellas resistiram ás grandes potencias, julgando-se invenciveis por sua alliança com Deus... Vêde ainda hoje os camponezes do norte da Russia, que preferem morrer a mudar de nome, porque mudando o seu anjo os abandonaria,

e elles preferem o *knout* e as minas a perder essa protecção invisivel e superior. (*Muito bem!*)

E, senhores, quando eu fallo da missão historica da theocracia, não me refiro sómente a essas monarchias como o Egypto, cujas dynastias protestavam contra a morte com as Pyramides: eu fallo tambem do governo dos patriarchas, que guardavam na tenda dos *steppes* o culto de seu deus e o praticavam como pontifice diante de seus filhos, de seus servos e de seus hospedes.

Ha outra especie de theocracia que eu tambem respeito porque tambem teve uma missão no passado... fallo da theocracia da idade media, d'esse dominio que o poder espirital mais fortemente constituido do mundo — o papado — teve durante seculos sobre a sociedade civil. Não pergunto n'este momento si esse dominio é ou não opposto ao espirito do Evangelho, nem quero julgar as pretensões d'esse papa Gregorio VII, que os ultramontanos não comprehendem e que terá na historia a reputação que lhe deu o sr. Guizot, de reformador por meio do despotismo como Carlos Magno e Pedro o Grande. Eu comprehendo a missão do papado na idade media; ha porem

uma theocracia que eu não respeito, é a moderna, é a theocracia jesuitica, é a theocracia do *Syllabus*, a renovação do ideal de Suarez, esse anjo da escola de Santo Ignacio ! (Vozes : muito bem !)

Esta, eu não a respeito porque não tem missão, porque é um grito de revolta de uma instituição que não sabe resignar-se, porque hoje ha mais luz em torno do papado do que em seu foco, porque ella só póde viver com a inquisição ou com esse homem, para cuja criação de Maistre imaginou um *Fiat* especial e do qual elle disse que era ao mesmo tempo — o horror e o élo da associação humana : o carrasco. (Vozes : Muito bem !)

Si porém, senhores, a theocracia está condemnada a desaparecer em nosso seculo, ha alguma cousa que não desaparecerá com ella, é a religião ! (Muitos muito bem !)

Ninguem mais do que eu reconhece a necessidade absoluta da religião... não direi tanto para o homem isolado que póde cumprir austeramente o dever sem esperar a recompensa, acreditando mesmo que a morte não tem dia seguinte... mas notai que mesmo n'esse homem forte o co-

ração é talvez o fructo da educação religiosa da mãe... (*Vozes: Muito bem!*) não direi tanto para o homem como para a sociedade. Mas para esta, senhores, a religião é uma necessidade... os povos precisam de uma convicção forte em seu destino nacional, e em sua responsabilidade fóra da terra, é preciso que as sociedades tenham uma base moral forte e inabalavel, e essa não podem dar-lhes os systemas philosophicos.

Senhores, Voltaire exprimiu um dia este pensamento profundo, mas que a muitos parece banal : Si Deus não existisse seria preciso invental-o... sim, seria preciso invental-o porque elle é a primeira das instituições sociaes, (*Muito bem!*) e porque a ordem e a liberdade, a harmonia e o progresso, tudo dimana da moral religiosa do povo, da crença na existencia de um Deus! (*Muito bem! muito bem!*)

Mas o unico modo que tem a religião para realisar seus fins na sociedade é alliar-se com a liberdade. Ellas foram feitas para conciliar-se e eu quero buscar para mostral-o uma prova que nos dão os inimigos de ambas.

Quaessão os inimigos da religião? São dous :

o fanatismo e a impiedade. Quaes são os inimigos da liberdade? São dous: o despotismo e a anarchia. (*Vozes: Muito bem!*) Pois bem, senhores, em toda parte onde vence o fanatismo elle allia-se ao despotismo, como em toda a parte em que vence a anarchia, ella allia-se á impiedade. (*Muito bem!*) É isso ou não é isso verdade? Vêde a sociedade moderna em lucta com os dous inimigos da ordem actual, igualmente terriveis e implacaveis, um que a julga estacionaria demais, outro que a julga revolucionaria, a Communa e o jesuitismo. (*Muito bem! muito bem!*)

Sim, senhores, ambos esses inimigos estão conspirados contra o seculo, um porque quer resuscitar um passado morto, outro porque quer, deixai passar a expressão, abortar um futuro que não virá nunca. (*Apoiados.*)

Ambos elles são inconciliaveis com a sociedade moderna, estacionaria, segundo a Communa, porque está edificada sobre a propriedade; revolucionaria, segundo o *Syllabus*, porque está ligada á democracia.

Pois bem, senhores, eu não sei que triumpho seria peor nem mais funesto, que destruição

seria mais terrivel, si a de Paris, da capital do mundo, si a de um só dos principios do nosso seculo, da liberdade de religião, por exemplo... porque a humanidade para reivindicar-o de novo teria de ver atear incendios muito mais terriveis que o das Tulherias e correr rios de um sangue tão innocente como o dos refeus.

Sim, senhores, ha uma cousa peor que o arrazamento de Paris, é a volta do passado. (*Vozes : Muito bem !*)

Mas observai ; vêde n'essas grandes capitaes das religiões, na Roma dos Papas, na Londres dos Tudors, em Pekin, em Teheran, em Constantinopla : onde triumpho o fanatismo, elle faz alliança com a tyrannia. Vêde por outro lado a Communa : onde triumpho a anarchia seu primeiro cuidado é decretar o atheismo.

Pois bem ; si elles formam a união pelo odio, façamos a união pelo amor : si o fanatismo é absolutista, si a anarchia é athéa, reunam-se a religião e a liberdade para que haja na sociedade um raio do ideal divino, e para que a adoração suba espontanea e livre dos homens para Deus! (*Vozes : muito bem ! muito bem !*)

Sim, senhores, e já que fallo a um auditorio americano, mostrarei como esses dous principios constituiram uma grande nação. Leio isso em um livro que ha de ser sempre citado na America, o livro de Tocqueville.

É elle que fazendo uma comparação entre os « exploradores de ouro, gente sem recursos e sem conducta » que colonisaram o sul da União e os *peregrinos* que approaram movidos por uma idéa ás praias aridas da Nova Inglaterra, e que ahi lançaram as bases da communa que se tornou o nucleo do condado, nos diz que « os Estados-Unidos são o producto de dous elementos perfeitamente distinctos que em outros logares combatem-se, mas que na America chegaram a encorporar-se um no outro: o espirito de religião e o espirito de liberdade. » (*Muito bem!*)

Ah! senhores, esse parallelo entre o norté e o sul da união é cruel para nos; não o podemos ler sem lembrarnos des nossos primeiros colonisadores, desses homens que chegando a um paiz fertil sem cultivo deshonraram a infancia de sua sociedade, introduzindo em seu seio essa infeliz raça africana e perseguindo á ferro e fogo as

raças indigenas. Foi pela natureza de nossa colonisação que o espirito de religião não medrou entre nós, e que o espirito de liberdade levou tanto tempo para despontar. (*Muito bem!*)

Mas, senhores, essa theocracia moderna que não quer de modo algum abdicar diante da civilisação, porque no *Syllabus*, do qual ultimamente se tem dito tanto bem, está escripto: anathema á quem disser que o papa póde e deve conciliar-se transigir com o progresso, com o liberalismo e com a civilisação moderna — essa theocracia é recente — eu não quero procurar-lhe as tradições nem os precedentes, basta-me assignalar a data em que ella foi publicamente consagrada pela igreja: essa theocracia data do dia 18 de julho de 1870 —, do dia em que o concilio do Vaticano votou a infallibilidade do papa. (*Muitos apoiados, muito bem!*)

Senhores, todos vós sabeis o que foi o concilio do Vaticano; todos vós conheceis as esperanças que sua convocação fez nascer em muitas almas, das quaes foi interprete o eloquente bispo de Orléans. A este celebre prelado respondeu o arcebispo de Malines, e sua resposta deu lugar a

umas cartas de que eu quero fallar-vos, porque o autor é um dos espiritos mais logicos de nosso tempo. É certo que elle repudiou-as antes de morrer, mas não se póde confiscar uma verdade que entrou para o dominio de todos: ella não pertence mais a quem a revelou, mas aos que a comprehenderam. (*Muito bem!*)

Deus me livre de discutir aqui ou em outro qualquer lugar a infallibilidade do papa; (*Riso*) é preciso porém que eu diga que a definição dogmatica da infallibilidade foi uma provocação ao nosso seculo...

Lêde essas quatro cartas do padre Gratry — e lá vereis que houve um papa chamado Honorio que disse uma heresia *ex-cathedra*, e foi excommungado por tres concilios: eis ahi a infallibilidade. (*Riso.*)

Vereis mais, que todos ou quasi todos os textos citados por Melchior Cano, Bellarmino e Liguori, os grandes doutores infallibilistas, são falsificações; vereis que durante seculos existiu na igreja uma legislação fraudulenta conhecida pelo nome de *falsas decretaes*... (*Uma voz: é certo.*) Ahi vereis tambem, senhores, a que ponto

chega a fé dos infallibilistas: o Sr. Manning, por exemplo, o luzeiro do ultramontanismo inglez, diz que erraram os tres concilios oecumenicos que condemnaram Honorio, mas que não errou o papa. (*Sorrisos.*)

Isso vos faz sorrir? eis o que me fez sorrir a mim; vós sabeis que dous papas condemnaram o systema de Galileu, isto é — a verdade. Ora como conciliam alguns a infallibilidade do papa com a verdade da sciencia? Nada mais facil, senhores, elles dizem que até o seculo XVII o sol gyrou em torno da terra, e que depois d'esse seculo começou a terra a gyrar em torno do sol! (*Hilaridade geral.*)

Para mim os papas não são infalliveis por um argumento que não é de direito canonico. Foi infallivel Honorio excommungado por tres concilios? Foram infalliveis Paulo V e Urbano VIII que condemnaram Galileu? Tinham sido antes infalliveis esses papas, cobertos de todos os vicios, que entre o IX e o X seculos introduziram na igreja o reinado das mulheres? Si todos esses foram infalliveis, é preciso ao menos con-

fessar que Alexandre VI não o foi, porque bebeu por engano o veneno que tinha preparado para um velho amigo. (*Muito bem ! sorrisos.*)

Eis o meu argumento; é certo que elles me respondem que esses papas eram infalliveis sómente decidindo *ex-cathedra*, mas eu não separo o doutor do homem elevado e tenho de Deus uma ideia demais para poder acreditar que elle se sirva de semelhantes homens para seu oraculo na terra. (*Muito bem !*)

Mas exactamente porque a sociedade moderna repellia esse dogma foi que o concilio o decretou... e como, senhores? Violando a liberdade da tribuna, organisando para esse fim as congregações, e não obstante tudo isso, contra os mais eminentes bispos do catholicismo.

Vêde as fortes autoridades que se opuzeram ao novo dogma e dizei-me si em uma materia como essa, o numero devia triumphar, sobretudo em uma sociedade, como a igreja, que não conhece o direito das maiorias nem a força do numero, e que pede sempre a unanimidade moral !

E como se fez a definição solemne do dogma ? Foi em um dia triste, o dia 18 de julho: é a

narração de um protestante muito illustrado que vou citar ; si damos todos valor á tristeza do dia, é porque os phenomenos metereologicos estão na crença da igreja muito ligados aos factos que se produzem entre elles. Na verdade, sempre ouvimos dizer que os dias tristes da igreja tinham sido sombrios na natureza. « Era um dia triste, conta o Sr. Pressensé ; a escuridão era tal na basilica, que foi preciso approximar um cirio do papa para elle poder ler sua propria apotheóse. A praça de S. Pedro estava quasi vasia. Alguns frades gritavam — *Evviva!* As freiras ajoelharam-se exclamando: *Padre meo.* Foi assim que por um céu escuro, mas menos sombrio que o horizonte politico em que já trovejava a guerra, viu-se realisado o que Lacordaire chamava em seus bons dias — a maior insolencia contra Jesus-Christo. » (*Muito bem!*)

O que aconteceu, senhores, depois d'essa definição? um novo schisma, a excommunhão dos velhos catholicos da Allemanha, com esse nobre Doellinger á frente. E o que responderam elles? Elles responderam com grande sabedoria e piedade, mas sua resposta póde se resumir assim :

outr'ora para provar-se a legitimidade de um dogma procuravam-se os vestigios d'elle no mais remoto passado: excommungavam-se então os innovadores, hoje são innovadores que excommungam. (*Riso, muito bem!*)

E o Dr. Schutte accrescentava: somos hereges porque acreditamos no dia 19 de julho o que acreditavamos no dia 17, o que nossas mãis nos ensinaram, o que lemos no catechismo!

Ah! senhores, isso póde ser uma heresia, um crime, mas a virtude contraria chama-se apostasia. (*Muito bem! riso.*)

O concilio do Vaticano porem não foi obra do papa, foi obra dos jesuitas.

Senhores, eu quero dizer duas palavras sobre os jesuitas, mas já se tem dito tanto contra esses santos homens, (*Hilaridade*) que n'este momento em que elles não teem defesa não quero aggravar os seus males... mesmo porque não tenho que dizer depois d'esse primor do genio francez, d'essas inimitaveis *Cartas Provinciaes* de Pascal; não se póde ser tão eloquente, tão fino, como elle... os jesuitas não se queixarão de não al-

cançarem a mais extrema immortalidade n'essas paginas.

Senhores — para fallar dos jesuitas não sei por onde começar... (*hilaridade*) mas como é preciso escolher, tomarei o que elles tiveram de mais caracteristico: a moral. (*Muito bem!*)

Não posso ver a igreja condemnar tão implacavelmente os que offendem seus dogmas e mostrar-se indifferente, complacente mesmo, com os que violam alguma cousa que, não digo que venha a durar mais, porem que seguramente não durará menos que o dogma catholico, a moral christã. (*Apoiados.*)

Quando vemos Abélard condemnado por dous concilios, porque? não por prégar a independencia da razão, mas a união d'ella com a fé; quando vemos a igreja perseguir Wicleff e queimar João Huss e Jeronymo de Praga, porque elles sustentavam o livre exame; quando vemos Bruno condemnado á mesma morte, accusado por ella de atheismo, pela facilidade que teem as orthodoxias em accusar de não crêr em Deus aos que não creem n'ellas, (*Muito bem!*) quando vemos as fogueiras da Inquisição ardendo perennemente

na historia, não mais para queimar os corpos das victimas, mas a memoria dos algozes; (*Muito bem!*) quando vemos essa implacabilidade com relação ao dogma, perguntamos si a igreja tem os olhos cerrados para as violações da moral christã que se commettem entre os seus. (*Muito bem! muito bem!*)

Ah! senhores, por pouco que se tenha estudado a historia da moral, vê-se que os systemas mais differentes trataram de pô-la ao abrigo da dobrez e do equivoco e de eleva-la a uma região serena. Zenon e Epicuro parecem-se em sua moral, e até Spinoza, que, na phrase de Novalis, vivia embriagado de Deus, quebrou a logica de ferro de seu systema para introduzir ao lado da fatalidade dos modos da substancia o sentimento do dever e a liberdade do homem! Sim, senhores, desde Platão que a derivava de sua theodicéa até Kant que tirava d'ella a mais robusta affirmacão da existencia de Deus, a moral foi sempre um dominio inviolavel. (*Muito bem!*)

Foi preciso que apparecesse a celebre escola dos Suárez e dos Molinas para surgir essa casuistica do probabilismo e da direcção da

intenção que ligou ao nome — jesuita — um opprobrio eterno.

Ah ! senhores, eu não quero citar n'este momento, mesmo porque não tenho aqui os textos latinos... e eu os leria no original porque o latim *d'elles* é muito parecido com o portuguez de sua escola. (*Risadas.*)

Tomai as *Cartas Provinciaes*. Elles diziam, por exemplo, que era licito ao creado furtar si não estivesse satisfeito com os seus salarios. Ora aconteceu que um d'elles tivesse um creado religioso demais que seguiu literalmente a maxima ; processaram-no e o juiz condemnou-o apezar d'elle ter allegado como um *canon* a doutrina de seu amo ! (*Riso.*)

Senhores, eu prefiro a moral de La Rochefoucauld feita para uma certa classe elegante, sceptica, dissipada e não obstante tudo devota ; prefiro essa moral á que entra na consciencia do homem religioso e que se serve do nome de Deus para corrompel-a.

Foi ao ler certos livros da Ordem que eu comprehendí uma das razões porque os jesuitas odeiam tanto a maçonaria ; é que os jesuitas, de

alguma fórma, eu fallo de uma particularidade, foram uma associação que explorava as viúvas ricas, e a maçonaria é uma instituição da qual um dos melhores fins é proteger as viúvas pobres. (*Hilaridade, muito bem !*)

Lêde, senhores, a *Monita Secreta*, e lá vereis como deve o jesuita conduzir-se com relação ás viúvas ricas, levando-as a fazerem testamento em que seja instituida herdeira a Companhia, a mandarem os filhos para os collegios da Ordem, tomando-lhes dinheiro a premio e tratando de obter por caridade os titulos passados, mas sempre allegando a pobreza da sociedade, porque a sociedade era muito pobre, o que não impediu que ella fallisse algumas vezes. (*Hilaridade.*)

E a seducção era sobretudo tentada contra a mulher... os jesuitas estudaram perfeitamente o coração da mulher e é por isso que elles recomendavam aos confessores « que julgassem com grande discrição o genio inconstante do sexo... » afim de aproveitarem a primeira disposição ou mudança favoravel.

Não quero, senhores, demorar-me n'esses abusos e aberrações do espirito humano ; quero

dizer-vos apenas duas palavras sobre as grandes armas do jesuitismo moderno, o confessorio e a instrucção da mocidade. É em torno d'esses dous reductos que se dão hoje os maiores combates, não tanto pelo confessorio, que ninguem lhes disputa, como pela instrucção, que é preciso retirar-lhes. (*Apoiados.*)

O confessorio, senhores, é a entrega da alma; um homem que se confessa é um homem morto para seu confessor, que conhece-lhe todas as faltas da vida, o que ás vezes não é muito, e todas as fraquezas do character, o que é tudo. Uma praça cujos lados indefensos são conhecidos é uma praça quasi tomada. (*Muito bem!*)

A instrucção, senhores, é outra grande arma dos jesuitas, porque elles são mestres n'esse officio de introduzir na alma que se vai formando aquelles germens que é preciso que desabrochem para *a maior gloria de Deus*, isto é, para o maior interesse da Companhia. (*Riso.*)

O outro reducto que elles não abandonam é seu ascendente sobre a mulher. A bella narração do Genesis vai servir-me de parabolá. Conta o Genesis que Adão comera o fructo da arvore

da vida, e que, perguntando-lhe Deus porque lhe havia assim desobedecido. Adão que não conhecia os deveres da sociedade e que tinha o coração inculto respondera, sem saber que um homem não pôde para salvar-se accusar a mulher-complice: a companheira que me déstes deu-me do fructo e eu comi. Então Deus interrogou a mulher e ella respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi!»

Pois bem: senhores, ainda hoje a serpente engana a mulher, (*Riso.*) e a mulher illudida dá o fructo do mal não mais a seu companheiro — mas a seu filho. (*Muito bem!*)

Sinto que estou alongando muito esta conferencia; (*Não! Não!*) não me quero demorar com os jesuitas, elles estão em boa companhia.

Senhores, os jesuitas que fizeram o concilio de Trento fizeram tambem o do Vaticano, e foram elles que empenharam com a sociedade moderna uma lucta terrivel. «A igreja não obedece sinão á lei de sua propria conservação, quando prepara-se para uma guerra de morte com o estado moderno sahido do radicalismo.» É essa uma observação de um jornal da Allemanha do Sul,

onde a lucta religiosa tomou todas as proporções que vai alcançando entre nós. Eis ahí a invasão ultramontana ; vejamos rapidamente como ella vai se derramando por nosso paiz.

Sinto ter de fallar dos ultimos acontecimentos de minha provincia, aggravados pelo telegramma de hoje ¹. Senhores, eu condemno as violencias. Fica entendido que ponho-as fóra de questão , nunca me farei defensor de uma violencia. Não creio que se responda aos artigos dos jornaes, quebrando-lhes as typographias, (*Apoiados.*) nem que se contenha a torrente do jesuitismo offendendo a dous ou tres padres talvez innocentes. (*Apoiados.*) Mas é preciso que semelhantes actos não corram pela responsabilidade do povo Pernambucano, mas, e sómente, pela de quem os praticou. (*Apoiados.*)

O Sr. Candido Mendes disse no senado que Pernambuco merecia o actual prelado, o joven prelado de que lhe fez presente o sr. ministro do imperio.

¹ Então só havia noticia e por telegramma da jornada de 14 de Maio.

Senhores, não fallarei do homem, direi apenas que desconhecido no paiz, tendo só por si a originalidade de ter-se feito capuchinho em Roma, elle teve logo depois para reger uma das dioceses mais vastas, mais ricas e cheias de tradições d'este paiz. Ora o que fez elle ao tomar conta de sua diocese? Conflagrou-a com a maior de todas as perseguições de que o episcopado se fez instrumento entre nós.

E porque merecia Pernambuco o actual prelado? Era preciso que tivesse elle um merito singular para receber tão grande recompensa; merecia-o, senhores, porque em seu solo tinha se travado a lucta com os hollandezes! (*Sorrisos.*)

Senhores, a guerra dos hollandezes é a gloria de nosso passado. (*Apoiados.*) Aquelles que estudaram a historia d'essa longa noite da colonia do Brazil, sem interesse para o mundo, na qual os movimentos eram todos como esses que se fazem em Portugal á cada elevação de impostos, sabem que houve nelles dous factos excepçionaes, que mostram a supremacia que Pernambuco teve no passado: a guerra dos hollandezes e a revolução

de 1817, da qual em grande parte a gloria pertence á maçonaria. (*Apoiados.*)

Mas exactamente por termos sustentado essas luctas em que a bandeira tremulava ao lado da cruz, tinhamos nós o direito de não possuir o actual bispo.

É preciso desconhecer-se a historia para ignorar-se que o fundo do character pernambucano é o amor ardente de sua independencia. Ora, senhores, sabeis qual é o pensamento da provincia hoje?

É que uma milicia arregimentada recebe as ordens de Roma e ameaça a sua independencia religiosa e civil.

Sim, senhores, o fundo do character pernambucano é o odio aos despotismos estranhos; elle supporta talvez demais os que teem raizes na provincia, mas não o que vem do estrangeiro... venha elle com os capitães-móres da metropole, ou com o triumvirato da Hollanda, ou sob a fórmula mais aviltante, com a roupeta do jesuita. (*Muito bem ! muito bem !*)

Chamfort conta que tendo Fontenelle feito um côro de frades para uma opera o arcebispo de

Pariz incommodara-se com isso, e que então Fontenelle dissera : « eu não me importo com o seu clero, não se importe elle com o meu. » (*Hilaridade.*) Senhores, eu não faço inteira applicação d'esse dito, mesmo porque dos dous cleros que existem na provincia, o nacional e o estrangeiro, o clero de alluvião, o clero de occasião, parecido com o côro da comedia, não é o nacional. (*Riso. Muito bem !*)

Pois bem, era isso que dizia o povo pernambucano ao prelado quando elle arranjava o seu clero estrangeiro ; aconteceu porém que o bispo feriu o clero nacional em um dos mais elevados de seus membros. (*Apoiados.*)

Ah! senhores, foi então que teve logar a manifestação do povo. Pernambuco foi o berço da liberdade religiosa n'este paiz. A raça ousada que por lá passou, que transformou a pequena cidade do Recife na bella capital que é hoje, trouxe comsigo a liberdade religiosa, plantou-a em nosso sólo ; ora vós sabeis que é impossivel fazer desapparecer de um sólo, em que ella já medrou, os germens de qualquer liberdade. (*Muito bem ! Pausa.*)

Não me occuparei, senhores, de todas as formas sob as quaes se desenvolve a invasão ultramontana, nem discutirei as questões do dia já tão debatidas entre nós, como, por exemplo, a de saber si todos temos o direito de ser sepultados em um lugar escolhido pela municipalidade, em um cemiterio publico; não repetirei que existe uma lei physica pela qual se confundem na natureza os restos dos que pertenceram ás mais differentes religiões, em discutirei tambem si os bispos ou o papa teem o direito de excommungar a caridade, excommungando a maçonaria. (*Muito bem!*)

São assumptos que estão fóra das apreciações geraes que quero fazer.

Senhores, todos vós conheceis os perigos da invasão ultramontana, elles estão patentes.

Como prevenil-os?

É preciso que partais d'este principio, que a reforma da sociedade brazileira hade ser operada com o catholicismo, e que por consequente é preciso, por todos os modos, alliar o catholicismo com a liberdade.

O primeiro dos meios a empregar para isso é

estabelecer no paiz a liberdade religiosa.
(*Apoiados.*)

O principio da liberdade religiosa entrou no direito commum do seculo, entrou na consciencia da humanidade, é impossivel arrancar-o d'ahi onde elle está para sempre consolidado. Si eu quizesse invocar para sustental-o alguns argumentos, recorreria á historia; invocaria a morte de Jesus, victima da orthodoxia judaica; invocaria as fogueiras, os carceres e os cadafalsos em que os defensores das religiões officiaes sacrificaram tantas victimas; invocaria a longa experiencia da humanidade que viu muitas vezes as minorias na posse de uma verdade, que cedo triumphou, como a minoria christã do seculo III que tornou-se a maioria do seculo V e a minoria revolucionaria do seculo XVIII que tornou-se a grande maioria democratica do nosso seculo.

Os despotismos do Oriente podiam estabelecer a unidade da fé e do pensamento. Lá as duas sociedades estavam confundidas, n'esse mundo immovel da theocracia tudo era fixo e invariavel, a iniciativa individual era nenhuma, e a intelligencia movia-se por seculos no circulo

que lhe traçara um homem de genio como Confucio ou um fundador de religião como Boudha e Mahomet.

Mas, senhores, o que se fez no mundo semítico e no extremo Oriente não se fez na Grecia, onde produziram-se todos os systemas desde o idealismo até o atomismo: n'esse pequeno paiz, berço da civilização moderna, vereis a independencia do pensamento, que se move com toda a liberdade, dentro de certas formulas é certo, mas formulas que não teem valor para quem penetra o fundo das cousas. A morte de Socrates foi um assassinato politico, Socrates foi victima de uma intriga de partido.

Vêde depois Roma; o que faz ella quando domina o mundo? absorve-o. Absorve-o? é talvez arriscada a expressão; uma cidade absorver um mundo! mas, senhores, na cidade estava a civilização, no mundo a barbaria, e Roma absorveu-o transmittindo-lhe seu espirito, dando-lhe suas leis... mas não impondo-lhe os seus deuses. O polyteismo tinha uma razão de ser politica: no seu céu havia logar para todos os deuses da terra! (*Muito bem! Riso.*)

Roma foi submergida, senhores... mas depois levantou-se de debaixo de suas ruínas uma religião que out'ora se havia refugiado nas Catacumbas e que tinha vivido a reclamar os direitos da minoria, organizada fortemente com um poder cosmopolita e universal á frente; era elle o papado, que se tornou o eixo do mundo!

Pois bem; o que fez a igreja triumphante, ella que só pedia que lhe deixassem respirar o ar livre? Confiscou os direitos do pensamento. No dia em que ella entendeu que podia dominar as almas, renovou essas perseguições, que si tivesse melhor memoria nunca teria esquecido, porque foram ellas que lhe deram vida. Desde então o papa reclamou, contra o Evangelho, o tributo devido á Cesar e o tributo devido a Deus. O que se deve concluir d'ahi? Que a igreja onde está forte nega a tolerancia religiosa, e onde está fraca reclama-a. É ella como esse conservador de que fallava um deputado francez, que quando estava no poder negava a liberdade porque era seu principio, e quando estava na opposição reclamava-a porque era o principio dos adversarios. (*Hilaridade.*)

Não é preciso, porém, senhores, que eu me sirva de semelhantes argumentos nem da lição da historia, para vos mostrar que a tolerancia religiosa é a melhor das politicas; basta-me penetrar no fundo da consciencia e reconhecer que a liberdade de crença é um direito da alma para dizer que essa politica é a melhor de todas, porque a verdadeira utilidade está na justiça.

Mas não farei esse trabalho, depois de tudo o que se tem dito, não o farei depois de Mirabeau, de Royer-Collard e de Montalembert; não o farei depois de Fox, Grattan e Canning; não o farei, senhores, para citar um nome muito popular hoje, depois de Castelar.

Eu quizera, sim, citar-vos uma pagina de Montalembert, d'esse homem que dizia: « Servi a todas as liberdades, mas honro-me em ter sido o soldado da liberdade religiosa. » Vou porém ler-vos uma pagina magnifica entre todas, uma pagina de Royer-Collard... (*O orador vê que não a trouxe para a conferencia.*)... mas não o farei... (*Vozes: Leia, leia!*) ah! senhores, eu sou juiz das minhas conveniencias.... não o farei porque a leitura de uma pagina eloquente em

um discurso arido é um oasis, que si tem a vantagem de repousar os espiritos fatigados, tem o inconveniente de desanimal-os para o resto da viagem... (*Riso.*)

Senhores, essa é a primeira arma de que nos devemos servir.... Quando ELLES proclamaram a infallibilidade do papa diziam no concilio : « infallibilidade, invencibilidade ! » Ah ! eu esquecia-me de um episodio do concilio. O sr. Jobim disse no senado que os bispos brazileiros votaram aquelle dogma porque receberam a hospitalidade do Santo Padre, ao que o sr. conselheiro Zacarias respondeu : « não ha semelhantes moveis em uma tal assembléa. » Eu não digo que os haja, mas isso lembra-me uma anecdotia que li. Quando o primeiro vigario romano, d'esses vigarios apostolicos (não sei bem a que dignidade essa corresponde) disse « *non placet* », e é este um facto authenticico que se lê nas *Cartas Romanas*, houve uma voz geral no concilio contra os taes vigarios : « *Questi vicari che mangiano il pane del Santo Padre !* » (*Hilaridade geral.*)

Vós vêdes, senhores, que mesmo no concilio

reconhecia-se a influencia d'esses moveis que eu tambem digo que não foram os de nosso episcopo. Peço-vos desculpa por ter intercalado no fim de meu discurso esse episodio.

Senhores, devo fallar com franqueza ; sei que ha n'este auditorio muitas pessoas que não teem essa mesma opinião. Não quero, no momento actual, a separação radical da igreja e do estado ; não quero, sobretudo porque, si a igreja ficasse hoje livre entre nós, não teriamos um só paradeiro que oppôr á invasão ultramontana. Senhores, foi um protestante liberal que o disse : « Um governo catholico é antes um obstaculo que uma animação ao ultramontanismo. »

Eu encaro por este lado a questão. Quem nos dera que a sociedade brazileira podesse offerecer esse grande espectaculo que dão os Estados Unidos. Lá as igrejas estão fóra do orçamento, e o que acontece ? Acontece que quando um Beecher e um Chapin alugam cada anno as cadeiras dos templos em que prégam, realisam uma fortuna. Trezentos contos foi o rendimento da igreja do sr. Beecher no anno corrente. Sim, eu quizera que em meu paiz a igreja e o estado não

se confundissem, que nós seguissemos o exemplo d'essa familia protestante, no seio da qual não ha pompas externas sem haver sentimento religioso... (*Muito bem!*) mas seria um perigo quebrar hoje as armas com que nos podemos defender. É por isso que eu peço a liberdade de cultos, e a separação *das duas sociedades*, a temporal e religiosa, a independencia completa da legislação civil da ecclesiastica, sem abandonar os direitos do estado inscriptos na constituição, antes reivindicando-os com toda a força.

Para isso permitti que eu me faça campeão da constituição. Habituei-me, senhores, a considerar essa constituição como a cidadella dos nossos inimigos. Não quero envolver a questão politica n'este debate, mas fallando da eleição directa, póde-se negar que ella seja uma aspiração geral do paiz? Pois bem, foi o debate sobre essa questão que me deu essa idéa de que a constituição é a cidadella de que eu fallei.

Li em uma narração, que é um romance, o episodio de uns estrangeiros que perseguidos pelos Maoris na Nova Zelandia refugiaram-se em uma montanha, onde tinha sido enterrado um

chefe indigeno. Os Maoris cercaram a montanha para elles sagrada sem ousar escalal-a... era Tabou I mas os estrangeiros rindo-se de sua superstição faziam-lhes fogo de cima. É o caso da nossa constituição, e como fallo hoje por parabolas, deixo á cada um de vós comprehender meu pensamento. (*Riso, muito bem!*)

Hoje, porém, faço-me campeão da constituição, porque os Jesuitas ou os ultramontanos que reivindicam com o maior zelo os privilegios da igreja, esquecem que esses direitos não lhe foram dados sinão por outros que o estado reservou-se sobre ella. Na verdade os ultramontanos defendem o famoso art. 5º, e tambem o outro art. 95 no paragrapho em que se prohibe aos mais intelligentes dos acatholicos a entrada no parlamento, quando nenhum artigo nos protege contra a entrada n'esse recinto da mediocridade catholica; (*Muito bem!*) mas elles esquecem que esses privilegios só foram dados á igreja porque o estado tomou o de nomear os bispos e o de oppôr-se ás bullas e decretos dos concilios que podessem conflagrar a sociedade, e quando se lhes falla n'estes direitos elles os impugnam. E' por isso,

senhores, que me faço hoje defensor de uma constituição, que aliás não admiro muito. (*Riso.*)

Chegando ao fim do meu discurso, agradeço-vos a indulgencia com que me ouvistes, agradeço ao illustre chefe d'este Oriente Unido a honra que me fez associando-me a este trabalho de sua iniciativa ¹, e ás senhoras presentes o elevado testemunho que acabam de dar da serieidade da obra que empreendemos. Antes porém de descer d'esta tribuna permitti-me dizer duas palavras sobre a politica que convem seguir hoje contra essa onda nova que parece querer levar de vencida a sociedade moderna.

Senhores, ha uma força na civilização, que ninguem póde desconhecer e a cuja poderosa attracção obedecem todos os paizes, ainda os mais distantes de seu foco; é ella que imprime hoje esse movimento de progresso aos povos immoveis do Oriente e abre ao commercio os portos do imperio do Sol nascente; é ella que tempera os costumes dos selvagens na Oceania,

¹ O sr. Saldanha Marinho.

que extingue a polygamia em Utah; foi ella que acabou com o trafico, que deshonorava as ondas do Atlantico. (*Muito bem! muito bem!*) Pois bem: á essa attracção teem obedecido todas as instituições. Vêde a monarchia, a monarchia do direito divino, a monarchia tradicional, obrigada em nosso seculo para existir a consorciar-se com a democracia.

A igreja, senhores, não será a unica instituição rebelde: ella póde lutar, resistir; a attracção é mais forte do que sua resistencia, e o dia ha de chegar em que para viver ella terá de alliar-se á liberdade. (*Muito bem! Apoiados.*)

O que podem fazer os padres, os sacerdotes? Podem excommungar, mas, vós o sabeis, um illustre excommungado, o Sr. Dœllinger, disse-o: segundo a opinião de todos os santos padres, uma excommunhão injusta não prejudica á victima, reverte sobre quem a lança. (*Muito bem!*)

São essas excommunhões como as pedras arremessadas contra o céu que voltam a ferir os que as atiraram. (*Muito bem!*)

Elles pódem excommungar-nos, negar-nos a

sepultura sagrada, servir-se de todos os meios a seu alcance; luctam em vão com a liberdade, ou hão de conciliar-se com ella ou hão de deixar de existir. (*Apotados. Muito bem!*)

Ah! senhores, no outro dia me dizia um sacerdote a proposito de uns artigos meus: « as portas do inferno não prevalecerão contra ella. » Mas onde estão essas *portas do inferno*? será a liberdade, o direito, a sciencia? Não, senhores, *as portas do inferno*, disse-o o padre Gratry, estão dentro da igreja, (*Muito bem!*) é essa *escola da mentira* que se formou em seu seio. » (*Muito bem!*)

Quanto a nós, tratemos de preparar-nos para fazer d'este paiz o que elle merece ser. Pois que, senhores? O que diria a historia si em vez de legarmos ao seculo XX uma sociedade nivelada pela igualdade, elevada pela instrucção, fortalecida pela religião, digna emfim de seu tempo, nós lhe legassemos uma sociedade atrophiada pelo fanatismo, fechada á civilisação do mundo, vassalla de um poder estrangeiro, ultimo asylo emfim da theocracia, como hoje é ultimo asylo da escravidão? (*Vozes: Muito bem!*)

Mas, senhores, isso não é possível na America, e quando eu digo na America, não pronuncio uma phrase banal. Não é n'este continente, com estes céos transparentes, com estas noites luminosas, que se póde comprehender a Deus como um ente vingativo e oppressor. (*Muito bem!*) Isso podia acontecer nos desertos sem fim da Arabia e nas terras estereis que cercam o Mar-Morto... nunca em uma creação esplendida que realisa em todos os sentidos o grande pensamento de Humboldt: a natureza é o reino da liberdade. (*Vozes : Muito bem!*)

Senhores, eu sou dos que menos temem que aconteça essa calamidade de que fallei, essa volta do passado, porque sou dos que mais confiança teem nos grandes destinos de nosso paiz.

Estamos divididos na questão politica, uns querem a continuação do actual estado de cousas, outros querem a verdade do systema representativo, outros querem dar a esse governo livre uma fórma mais simples... pois bem, senhores, formemos um campo neutro, levantemos uma bandeira em torno da qual possamos todos reunir-nos.

Sim... reunamo-nos em torno da gloriosa bandeira das reformas sociaes : é n'ella que está escripta — a emancipação dos escravos, é n'ella que escrevemos hoje a liberdade dos cultos e a independencia da consciencia ; é n'ella que escreveremos amanhã a instrucção obrigatoria. Divergimos quanto á politica do presente, reunamo-nos para a do futuro, isto é, para a formação de uma sociedade livre — unico fundamento de um governo livre ! (*Apoiados.*) Esse é o nosso dever, senhores, porque aprouve a Deus que nossa geração apparecesse no fim do seculo XIX, em uma época que para a sociedade brasileira é evidentemente de transição ! (*Muito bem !*)

Quanto a nós que realisamos a obra do bem na maçonaria, a obra da liberdade na imprensa e na tribuna, perseveremos ! continuemos sem temor, insensíveis a essas explosões da colera impotente de uma theocracia moribunda, de um passado que desaparece ; perseveremos, senhores, porque quem combate pelo futuro da patria combate pela humanidade, (*Muito bem !*) e só aquelle que serve á causa da liberdade e da jus-

x c -
11)72

folha 15
Francisco, General

— 46 —

tiça pôde ser chamado, na forte linguagem de Shakspeare, o soldado de Deus !

(Apoiados. Muito bem ! Applausos prolongados.)

30, —

enc 20237 - Pericles de
S Pinheiro FIM

SP

OBRAS DO MESMO AUTOR

CAMÕES E OS LUSIADAS, estudo sobre a vida do poeta e a natureza do poema, 1 v. in-8° 3\$000

LE DROIT AU MEURTRE. Lettre à M. Ernest Renan sur l'Homme-Femme. 1 v. in-8° br. 1\$000

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).